



GEÓGRAFAS DESTAQUES NO PERÍODO DA DITADURA MILITAR BRASILEIRA (1964 - 1985)

Cíntia Cristina Lisboa da Silva

Joseli Maria Silva

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo evidenciar as geógrafas que figuravam como destaque na produção científica da geografia brasileira no período da ditadura militar (1964-1985). Com isto, apresentamos as principais autoras, o período de publicação das mesmas, as procedências regionais e institucionais, os temas mais trabalhados, bem como os veículos de comunicação escolhidos por elas.

O período da ditadura militar brasileira é uma fase pouco explorada na produção científica da geografia. Sendo assim, é importante pensarmos como a geografia se desenvolve em momentos conservadores, nesse caso, em especial a partir de um sistema político antidemocrático, tendo em vista que a ciência tem relação com o seu contexto e com a sua realidade cotidiana (Carneiro, 2022).

A geografia se caracteriza por baixa produção de artigos científicos sobre o período da ditadura cívico-militar, se comparada com as outras ciências humanas e sociais, a exemplo da história, da sociologia e da literatura. Além disso, é necessário pontuar que a tradição falocêntrica da geografia (Silva, 2009) é um aspecto a ser investigado nesse recorte temporal, pois assumidamente há interesses que dominam as produções científicas. Neste caso, nos importa saber sobre o interesse científico elaborado por mulheres durante a ditadura militar.

Neste trabalho exploramos 578 artigos produzidos no período de 1964 a 1985, destes, 194, ou seja, 34%, apresentam a primeira autoria sendo feminina, representando o foco de análise aqui. Tais artigos encontrados na exploração da produção científica durante a ditadura militar no Brasil, realizado no Observatório da Geografia Brasileira¹, que é um banco de dados que congrega artigos científicos da produção geográfica brasileira, entre os periódicos nacionais avaliados via Qualis – Capes, catalogados entre 1939 a 2021, contendo, 30.994 artigos, nos mostra como esta produção é escassa, em especial a elaborada por mulheres.

Ao separar os artigos elaborados por mulheres na primeira autoria, foi organizada uma planilha em que se procedeu o registro de título, revista, ano, qualificação, autoria, procedência institucional das autoras, gênero e palavras-chave. Outro procedimento foi a análise das palavras-chave realizada por meio de análise de redes sociais.

¹ Vale ressaltar que o OGB trata-se de um banco de dados que está em constante atualização, deste modo, conforme atualizações vão ocorrendo, o número de artigos bem como o período levantado, vai crescendo.



A ditadura militar é uma marca importante do comportamento social e da configuração de poderes de grupos sociais no Brasil. Recentemente, este período tem sido questionado por grupos conservadores, inflamados por discursos do ex chefe de Estado, Jair Bolsonaro (2018 – 2022), ao indagar sobre a real existência de uma ditadura em nosso país (Agência Brasil, 2019), ponto este rechaçado em diversas pesquisas científicas.

Portanto, evidenciar a existência desse período e compreender a prática e experiência feminina representa um contra movimento de apagamento e falsificação do passado. Na década de 1960 em que inicia o período ditatorial brasileiro, também temos um contexto marcado pela ascensão do movimento feminista. Tal movimento, além de lutar pelos direitos das mulheres, também atuou pela conquista da redemocratização do país.

A seguir, a metodologia será apresentada, seguida dos resultados e discussões que apresentam a produção científica como obra humana, generificada, produzida em contextos temporais e espaciais específicos, que nesse caso, foi o Brasil da ditadura militar, relacionando aos dados encontrados a partir da participação das geógrafas destaques na produção científica geográfica.

METODOLOGIA

Foi realizado um levantamento em busca de todos os artigos publicados nos periódicos de geografia durante os anos da ditadura. Tal levantamento foi realizado pelo OGB, sendo então a fonte primária utilizada para construção dos nossos dados, que corresponde a um banco de dados criado e mantido pelo Grupo de Estudos Territoriais (GETE), da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), fundado em 2008. A proposta do Observatório é “oferecer à comunidade geográfica brasileira, estudantes, professores(as) e pesquisadores(as), a possibilidade de explorar o nosso acervo e produzir análises sobre a Geografia Brasileira” (Silva, et al, 2024, p. 168).

O resultado encontrado foi separado por gênero (da primeira autoria), e deste modo os trabalhos produzidos por mulheres foram analisados nos permitindo encontrar as autoras mais recorrentes na geografia, com três ou mais publicações, o período de publicação das mesmas, as procedências regionais e institucionais, os temas mais trabalhados, bem como os veículos de comunicação escolhidos por elas. Tais informações foram sistematizadas em gráficos, tabelas e grafos, onde a análise qualitativa se deu relacionada a análise de redes sociais (Silva; Silva, 2016; Higgins; Ribeiro, 2018; Feretti, Junckes; Clemente, 2018).

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Com a proposta de corporificar este debate, entendemos a importância de apresentar sobre quem faz a produção científica, almejando encarnar a geografia. Neste caso, já especificamos o recorte de gênero atrelado as feminilidades quando nos propormos analisar a produção científica elaborada por mulheres durante a ditadura militar.

Além de apresentar o gênero, optamos por trazer ‘o corpo’ de tais intelectuais quando apresentamos os seus nomes, o que nos permite identificar quais autoras conseguiram ter mais inserção na produção e publicação científica, refletindo por sua vez na predominância feminina durante o regime militar.

Deste modo, selecionamos as autoras que possuíam três ou mais artigos, o que nos indica uma certa frequência na produção científica, e, assim, encontramos 14 nomes, sendo: Bertha Becker (7 artigos), Solange Tietzmann Silva (6), Olindina Vianna Mesquita (6), Fany Davidovich (5), Bárbara Christine Nentwing Silva (5), Gisela Copstein (5), Lúcia Helena de Oliveira Gerardi (4), Olga Maria Buarque de Lima, Maria Francisca Cardoso, Alice Yatiyo Asari, Issa Chaiben Jabur, Ana Fani Alessandri Carlos, Lylian Coltrinari, Maria Novaes Pinto, todas com 3 artigos publicados.

Ressaltamos que muitos dos nomes que figuram como centrais a partir desta informação vão ao encontro do trabalho do geógrafo Dante Reis Júnior, no artigo *Em gênero e em número: mulheres difusoras de mudança científica em um episódio da história do pensamento geográfico*, publicado em 2023, que encontrou a mesma centralidade feminina neste período.

Com relação a temporalidade dessa produção, é apenas nos anos finais da ditadura que as mulheres encontram mais espaço para a divulgação da sua obra, o que também nos leva a crer no crescimento do perfil de mulheres que ingressam nas universidades durante os anos de chumbo, pois como indica Ana Colling (2017) as mulheres que fugiam aos padrões pré-estabelecidos de gênero foram as mulheres que ousaram adentrar os espaços tidos como públicos, políticos, masculinos por excelência, a exemplo da própria universidade.

Ao pensarmos os veículos de comunicação, ou seja, os periódicos, que abriram espaço para publicação de trabalhos elaborados por mulheres na primeira autoria durante a ditadura militar, devemos reconhecer que as opções não eram muitas, não na geografia, que naquele período contava com apenas 10 periódicos, em especial concentrados no sudeste e no sul, sendo os principais periódicos: a Revista Brasileira de Geografia (RBG), a Revista Geografia, da Universidade Estadual Paulista no Campus de Rio Claro, e, por fim, o Boletim Paulista de Geografia.

As procedências institucionais e regionais que visibilizaram a produção científica geográfica elaborada por mulheres na primeira autoria, nos permitem identificar uma



produção concentrada no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na Universidade Estadual Paulista (UNESP) e na Universidade de São Paulo (USP), com 40%, 17% e 14% respectivamente. Tal resultado já é um indicativo que esta produção se concentra no sudeste, tendo em vista que as 3 principais instituições são desta região, falando especificamente do Estado do Rio de Janeiro (IBGE) e de São Paulo (UNESP e USP).

Destacamos que a centralidade de instituições da região sudeste e sul não apresentam apenas um predomínio durante a ditadura militar, que até então era justificado pela concentração dos programas de pós-graduação em geografia nesta região, momento este, onde no norte do país não existia nenhuma pós-graduação em geografia.

Todavia, observamos que mesmo hoje, com a expansão e interiorização dos programas de pós-graduação, esse perfil ainda se repete (Silva, 2022), e a desculpa da não existência de cursos e de veículos de comunicação nas outras regiões não é mais válida, o que nos leva a pensar na relação de poder que há entre as regiões nacionais e entre o centro e a periferia, resquício ainda de um colonialismo interno.

Identificamos, em relação aos temas trabalhados nos artigos elaborados por mulheres durante a ditadura militar as conexões mais significativas desta rede. Não diferente da sua origem espacial, notamos que a discussão central protagonizada por mulheres no contexto da ditadura militar brasileira se voltava as questões urbanas, em seus aspectos econômicos e de urbanização, em especial nas grandes cidades do período, a exemplo de São Paulo e Rio de Janeiro, indo novamente de encontro ao que Reis Júnior já apresentou (2023). Já no que tange a discussão rural da geografia, temas como agricultura, economia agrícola e geografia agrícola eram os centrais, apresentando uma ligação entre si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho evidenciou as geógrafas destaques e sua produção científica durante a ditadura militar. Demonstramos haver uma masculinização entre as produções, tendo em vista que apenas 34%, ou seja, 194 entre 578 artigos, foram produzidos por mulheres durante o contexto ditatorial.

Dentre os artigos analisados observamos uma tendência de crescimento da produção feminina nos últimos anos da ditadura militar, do mesmo modo que esta produção era concentração na região sudeste, em especial a partir do IBGE, da UNESP e da USP.

Outro aspecto importante que ressaltamos diz respeito a concentração dos veículos de comunicação científica, encabeçados pelas seguintes revistas: Revista Brasileira de Geografia,



Revista Geografia, da Universidade Estadual Paulista no Campus de Rio Claro, Boletim Paulista de Geografia e Boletim Gaúcho de Geografia.

Ao buscar corporificar tal produção, identificamos 14 mulheres que possuem 3 ou mais artigos durante o recorte temporal em questão. Entre elas, as 7 principais, como mais de 4 artigos, são Bertha Becker (7 artigos), Solange Tietzmann Silva (6 artigos), Olindina Vianna Mesquita (6 artigos), Fany Davidovich (5 artigos), Bárbara Christine Nentwing (5 artigos), Gisela Copstein (5 artigos) e Lúcia Helena de Oliveira Gerardi (4 artigos).

Em relação ao conteúdo destas produções, o aspecto central de discussão é ligado a geografia urbana em diálogo com grandes cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo. Sendo seguida de uma discussão rural a partir da economia, ponto este comum nas discussões urbanas e rurais, assim como a agricultura e a geografia agrícola.

Palavras-chave: História do pensamento geográfico, Geografias feministas, Ditadura Militar, Produção científica, Análise de redes sociais.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Para Bolsonaro não houve ditadura no Brasil: Ele afirma que ocorreu uma transição pacífica de poder.** 2019, Recuperado de: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-03/para-bolsonaro-nao-houve-ditadura-no-brasil>.

CARNEIRO, Rosalvo. Geografia, (des)interesse e (des)conhecimento em períodos de ultradireita. **Revista Filosofia da Informação**, 9, 277 – 291, 2022.

COLLING, Ana. As mulheres e a ditadura militar no Brasil. **História em Revista**, v.10, n. 10, p. 1 – 10, 20, 2017.

FERETI, Vandro; JUNCKES, Ivan; CLEMENTE, Augusto. Ciência política e análise de redes: uma metodologia para o mapeamento de comunidades temáticas. **Guaju**. v. 4, n. 2, p. 229 - 251, 2018..

HIGGINS, Silvio; RIBEIRO, Antonio. **Análise de redes em Ciências Sociais**. Brasília: Enap, 2018.

REIS JÚNIOR, Dante. Em gênero e em Número: mulheres difusoras de mudança científica em um episódio da história do pensamento geográfico. **Revista Brasileira de História da Ciência**, v. 16, n. 2, p. 679 - 702, 2023.

SILVA, Cíntia. **Silenciamentos da geografia brasileira: interseccionalidade de gênero e raça na produção de artigos científicos após os anos 2000**. 2022. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Gestão do Território. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR, Brasil. Recuperado de: <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/3723>

SILVA, Cíntia, *et al.* A produção científica geográfica e a implementação da obrigatoriedade da discussão étnico-racial na educação brasileira. **Boletim Paulista De Geografia**, v. 1, n. 111, p. 167 – 185, 2024.

SILVA, Edson; SILVA, Joseli. Ofício, Engenho e Arte: Inspiração e Técnica na Análise de Dados Qualitativos. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 7, n. 1, p. 132 – 154, 2016.



ENANPEGE
XVI Encontro Nacional de Pós-Graduação e
Pesquisa em Geografia

SILVA, Joseli. Fazendo Geografia: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. In: Silva, Joseli Maria (Org). **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades.** (p. 25 – 54). Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.